

**A CRIAÇÃO DE UM HORTO MEDICINAL NO COLÉGIO ESTADUAL
INDÍGENA DE CORUMBAUZINHO DURANTE AS AULAS DE CIÊNCIAS:
UM RESGATE DO USO TRADICIONAL DE PLANTAS MEDICINAIS**

Adayelle Conceição Paixão (Iamã)
Damiana da Cruz Deocleciano (Aponahí)

Domínia
BELO HORIZONTE/MG

2023

Adayelle Conceição Paixão (Iamã)

Damiana da Cruz Deocleciano (Aponahí)

**A CRIAÇÃO DE UM HORTO MEDICINAL NO COLÉGIO ESTADUAL
INDÍGENA DE CORUMBAUZINHO DURANTE AS AULAS DE CIÊNCIAS:
UM RESGATE DO USO TRADICIONAL DE PLANTAS MEDICINAIS**

Trabalho de Conclusão de Percurso Acadêmico apresentado na Faculdade de Educação da UFMG como requisito parcial para obtenção dos títulos de licenciadas do Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.

Orientador: Célio Silveira Júnior

Coorientador: Maicon Rodrigues dos Santos

BELO HORIZONTE/MG

2023

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente nosso Niamisú pela vida, força, proteção durante essa trajetória.

Aos nossos familiares pelo apoio na base (Betiel e dona Vade pais de Adayelle), Marcos e Benedita (esposo e mãe de Damiana com os cuidados com os filhos) enquanto estávamos em Minas Gerais.

Aos estudantes do 6º ao 3º ano do ensino médio do Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho nosso alvo de pesquisa junto com seus familiares. Foi por meio deles que iniciamos nosso projeto por meio das entrevistas, coletagem de dados e das plantas, limpeza do local e construção do horto medicinal.

Ao cacique Adailton (seu Nenê), vice-cacique Pedro Braz, as lideranças Maria Nilza (dona Mirinha), Dernilvado (Deni), pelo apoio e confiança em assinar nossas declarações. Ao professor Célio Silveira nosso orientador pela paciência e compreensão em cada momento.

Ao diretor do Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho, Maicon Rodrigues, pelo apoio e por aceitar ser nosso coorientador.

Aos professores do FIEI que passaram conosco nessa jornada.

As bolsistas Luz, Weremehe, Iracema, Ana Luiza e Áquila sempre nos ajudando quando precisava.

RESUMO

Uma das características de um povo tradicional é praticar sua cultura em seu dia a dia. Com o passar do tempo, em muitas comunidades indígenas, essas práticas e costumes tradicionais estão sendo perdidas. Na comunidade de Corumbauzinho, localizada no município de Prado no Extremo Sul Bahia, é um exemplo visível dessas perdas culturais que têm significado de fortalecimento de um povo. Dentre esses costumes que a comunidade está deixando de praticar, o uso das plantas medicinais para a cura das doenças está incluso. Após esta observação, decidimos ter o resgate do uso tradicional de plantas medicinais como objeto de estudo. O objetivo foi criar junto com os estudantes nas aulas de Ciências um horto medicinal para desenvolver o cultivo das plantas para atender as necessidades da comunidade e da escola de Corumbauzinho. Então houve um planejamento onde começou com um questionário com os estudantes tendo questões relacionadas ao conhecimento e uso de plantas medicinais em suas casas. Nossa método de pesquisa foi do tipo participante, isto é, mais do que só planejar, mediar e observar as etapas da pesquisa, nós realmente participamos de fato. Utilizamos métodos de pesquisa, catalogação e coleta das plantas existente na comunidade (e não somente isso, essas plantas deveriam ser específicas para prevenção e cura das doenças dos órgãos do corpo humano), aulas expositivas e explicativas, escolha, limpeza do local e, na sequência, a construção do Horto e plantio das mudas. Tudo isso realizados com ajuda dos estudantes do 6º ao 9º do Fundamental II, e 1º ao 3º ano do Ensino Médio e com algumas pessoas da comunidade. Com o desenvolvimento do projeto na escola, concluímos que tanto os estudantes quantos os familiares tiveram uma participação muito importante, desde a coleta, pesquisa e plantio das mudas. Houve uma preocupação em verificar com mais atenção as plantas que possuíam no quintal de suas casas. Com isso, o interesse em cuidar e proteger os saberes tradicionais sobre as plantas medicinais foram se manifestando novamente nas pessoas envolvidas.

Palavras chaves: Horto medicinal. Plantas medicinais. Escola. Aula de Ciências.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Foto tirada do horto já pronto para receber as plantas medicinais	08
Figura 2: Casa de Dona Maria Pereira	14
Figura 3: Pastoral	15
Figura 4: Primeiro espaço físico construído pela comunidade	15
Figura 5: Salas feitas pela comunidade e prédio construído pelo Estado	15
Figura 6: As 3 salas em fase de construção	16
Figura 7: Estudantes da habilitação CVN-FIEI visitando área de compostagem	28
Figura 8: Resto dos alimentos	29
Figura 9: Pó de serra	29
Figura 10: Esterco de galinha	30
Figura 11: Casca de ovo	30
Figura 12: Pó de café	30
Figura 13: Apresentação do trabalho para a turma do 6º ano	32
Figura 14: Apresentação do trabalho para o 1º EM	32
Figura 15: Escolha do local	33
Figura 16: Limpeza do local com os estudantes	33
Figura 17: Local escolhido limpo	33
Figura 18: Estudantes calculando as medidas do horto	34
Figura 19: Estudantes do ensino Médio, na construção do Horto	34
Figura 20: Estudantes plantando as plantas que vieram de Belo Horizonte	36
Figura 21: Situação do horto quando voltamos de Belo Horizonte	37
Figura 22: Estudantes do 3º ano do ensino médio fazendo a limpeza do horto	37
Figura 23: Estudantes do 6º ano do Ens. Fund. 2 terminando de fazer a limpeza	37
Figura 24: Imagem do horto atualmente	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Plantas medicinais para o horto do Colégio de Corumbauzinho	09
Quadro 2: Dimensões do Horto Medicinal e materiais utilizados	09
Quadro 3: Etapas do caminho metodológico do trabalho	23

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Respostas dos estudantes sobre o uso de ervas medicinais	25
GRÁFICO 2 – Respostas dos estudantes sobre com quem aprenderam a usar as ervas medicinais	25
GRÁFICO 3 – Respostas dos estudantes sobre que tipo de medicamentos usam	26
GRÁFICO 4 – Respostas dos estudantes sobre se as plantas medicinais tradicionais estão sendo esquecidas na comunidade	27

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	08
1.1 - COMO SURGIU A IDEIA.....	10
1.2 - HISTÓRIA DA ALDEIA CORUMBAUZINHO.....	11
1.3 - BREVE HISTÓRICO DA UNIDADE ESCOLAR.....	12
1.4 - MEMORIAL ADAYELLE.....	16
1.5 - MEMORIAL DAMIANA.....	18
1.6 – JUSTIFICATIVA.....	20
1.7 – OBJETIVOS.....	22
1.7.1 – OBJETIVO GERAL.....	22
1.7.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	22
2 – METODOLOGIA.....	23
3 – RESULTADOS E ANÁLISES.....	24
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICES E ANEXOS.....	42

1 - INTRODUÇÃO

O nosso trabalho tem como título e tema *a criação de um horto medicinal no Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho durante as aulas de ciências: um resgate do uso tradicional de plantas medicinais*. Então será realizado durante as aulas de ciências, com os estudantes do 6º ao 9º ano do Fundamental 2 e 1º ao 3º ano do Ensino Médio, mostrando a importância do uso das plantas e desenvolver o interesse dos alunos pela conservação da medicina tradicional (Figura 1).

Figura 1 - Foto tirada do horto já pronto para receber as plantas medicinais



Fonte: Autoras - 2023

Conforme Velloso, Werman e Fusiger (2005), que se refere à construção de hortos medicinais em forma de relógio, em que cada hora representa uma parcela correspondente a um órgão do corpo humano. Em cada parcela, são cultivadas as plantas medicinais de uso referendado pela ciência e que auxiliam nos transtornos de saúde do órgão representado.

O horto é em forma de um relógio (relógio humano). O intuito desse relógio é destacar as plantas que serão usadas e indicar o horário certo para ser ministrada a medicação, justamente

para que cada canteiro seja plantado ervas destinadas à patologia de acordo com cada órgão de nosso corpo (Quadros 1 e 2). Até porque o intuito do nosso trabalho é também mostrar para as pessoas que as ervas medicinais devem ser ministradas não somente quando a pessoa está sentindo o problema no órgão, e sim ajudar na prevenção e na cura das doenças.

Quadro 1 - As plantas medicinais que estarão no horto medicinal do Colégio de Corumbauzinho, assim como para qual órgão serve e horário certo para ser ingerido.

PLANTA	ÓRGÃO	HORÁRIO
Carqueja	Fígado	1h às 3h da manhã
Pulmonária	Pulmão	3h às 5h da manhã
Ora-pro-nóbis	Intestino Grosso	5 h às 7 h da manhã
Manjericão	Estômago	7 h às 9 h da manhã
Salsa	Baço e Pâncreas	9 h às 11 h da manhã
Alecrim	Coração	11 h da manhã às 13h da tarde
Erva doce	Intestino delgado	13 h às 15 h da tarde
Morango	Bexiga	15 h às 17 h da tarde
Quebra Pedra	Rins	17 h da tarde às 19 h da noite
Hortelã	Circulação	19 h às 21 h da noite
Orégano	Sistema digestivo e respiratório	21 h às 23 h da noite
Vesícula Biliar	Losna	23 h da noite à 1 h da manhã.
Sistema Epitelial	Babosa	A qualquer horário do dia

Fonte: Velloso, Werman e Fusiger (2005)

É de extrema importância que as pessoas tenham noção dos horários certos do uso das plantas medicinais, justamente para o efeito acontecer com mais eficácia. Também é importante seguir algumas recomendações como: não fazer uso do que não conhece; observar se a planta apresenta fungos, insetos; preparar os chás no momento do uso; não misturar muitas plantas ao mesmo tempo; evitar exageros nas doses.

Quadro 2 – Dimensões do Horto Medicinal e materiais utilizados

Parte	Medida
Área total do Horto	3,5 m
Centro do relógio	50 cm
Largura entre os canteiros	40 cm
Comprimentos dos canteiros	1,5 x 0,80 cm
Quantidade de lajotas	156 lajotão
Centro do relógio	23 garrafas pet

Fonte: Dados da pesquisa

1.1 - COMO SURGIU A IDEIA

A ideia surgiu a partir de uma conversa informal que nós fizemos com o pajé da aldeia Corumbauzinho, sobre as ervas medicinais, e no momento ele demonstrou sua preocupação, que para ele os parentes da aldeia não estavam dando a devida importância para os cuidados e preservação da medicina tradicional. Em sua fala, ele disse que “a cultura do índio é fazer essas coisas, é fazer remédio de mato, e elas não estão fazendo mais isso”. Dito isso, nós fizemos uma reflexão sobre a importância das ervas medicinais na aldeia Corumbauzinho e sobre sua valorização. Também percebemos o quanto ela estava sendo esquecida, sendo deixada de lado; e sim, nossos parentes estavam perdendo a fé nos “remédios do mato” eles estavam sendo substituídos por remédios laboratoriais.

A partir da preocupação do pajé, também se tornou a nossa preocupação essa falta do uso das plantas medicinais, e foi por isso que resolvemos falar desse tema em nosso percurso. Com esse trabalho, o nosso objetivo é demonstrar aos nossos alunos a importância de valorizar e proteger os nossos saberes tradicionais, e mostrar os dois lados da ciência: a ciência Ocidental, aquela que precisa ser comprovada por meio de experimentos e a Ciência tradicional onde o resultado se dar por meio do uso em seu dia a dia. De acordo com Cunha (2007),

A ciência não passa ao largo de seus praticantes, ela se constitui por uma série de práticas e estas certamente não se dão em um vácuo político e social. Há também um problema de saber se a comparação entre saberes tradicionais e saber científico está tratando de unidades em si mesmas comparáveis, que tenham algum grau de semelhança. A isso, uma resposta genérica, mas central é que sim, ambos são formas de procurar entender e agir sobre o mundo. E ambas são também obras abertas, inacabadas, sempre se fazendo. É curioso que o senso comum não as veja assim. Para o senso comum, o conhecimento tradicional é um tesouro no sentido literal da palavra, um conjunto acabado que se deve preservar, um acervo fechado transmitido por antepassados e a que não vem ao caso acrescentar nada. Nada mais equivocado. Muito pelo contrário, o conhecimento tradicional reside tanto ou mais nos seus processos de investigação quanto nos acervos já prontos transmitidos pelas gerações anteriores. Processos. Modos de fazer. Outros protocolos. (CUNHA, 2007, p.78).

Falar também sobre os conhecimentos científicos que também se tornaram algo muito utilizado pela nossa comunidade e mostrar que a medicina tradicional faz parte da nossa ancestralidade: é o poder e o conhecimento que vem dos mais velhos e é passado de geração em geração, através da crença na cura. Não podemos permitir que ela possa se perder. Antes de passar para as justificativas do trabalho faremos as apresentações de nossa aldeia, da nossa escola e de nós mesmas.

1.2 - HISTÓRIA DA ALDEIA CORUMBAUZINHO

A aldeia indígena de Corumbauzinho está localizada próximo a Corumbau, município de Prado-Bahia, pertencente à terra indígena de Barra Velha. Corumbauzinho faz divisa com a aldeia Águas Belas, com a aldeia Craveiro e com a Mata Atlântica do Parque Histórico do Monte Pascoal, tendo o rio Corumbauzinho como marco geográfico que motivou a denominação da aldeia. A seguir, o cacique Adailton Pereira Braz traz um pouco sobre o processo de criação da aldeia, relatada através de áudio, que foi feito exclusivamente para o nosso trabalho, o cacique descreve resumidamente como foi o desenvolvimento desde a retomada da aldeia, até as principais conquistas atuais:

Meu nome é Adailton Pereira Braz. Meu pai é filho de Barra Velha. Ele morava em um lugar chamado Ribeirão na época do que chamamos de Fogo de 51. Ele acabou saindo de lá e veio cá pra cima, ao lado do Parque Nacional no córrego de Corumbauzinho, estabelecendo-se aqui. Meu pai, que se chama Alexandre Braz, e seus parentes Mário Braz, Ananias Ferreira, Lauro Ferreira e João Braz e suas famílias foram os responsáveis pela estruturação e surgimento da aldeia Corumbauzinho.

Vivendo isolados sem o reconhecimento da FUNAI, nossos pais pagavam impostos, pois suas áreas encontravam-se em domínios de pecuaristas e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). Seus filhos que nasceram e se criaram na aldeia resolveram se unir e formar uma comunidade, resultando que Dernivaldo ficou como liderança, e eu, Adailton, como segundo representante, para trabalharmos e buscarmos alternativas para o melhoramento da comunidade que não era aldeia ainda. Contamos com a ajuda do Frei Constantino e da irmã Veronica.

Não tínhamos uma escola para as crianças estudarem. Fizemos uma sala que era uma igreja e, ao mesmo tempo, para as crianças estudarem. Conseguimos um professor contratado pela prefeitura de Prado, e eu fiquei, mais Dernivaldo, trabalhando de voluntário.

Depois surgiu o apoio da Funai, para que a comunidade fosse reconhecida. Montamos uma comissão de lideranças e fomos até Eunápolis, na regional da Funai que tinha na época, e com os conselhos de caciques das regiões que eram conhecidos que também deram apoio. Esse Conselho de Cacique marcou uma reunião para vir até a nossa comunidade, no dia 17 de agosto de 1998. Foram dois dias de reunião, e no final da reunião, como tinham 16 famílias na época e era pouco o espaço que tinha, existia uma terra ocupada pelo movimento sem-terra, que fica às margens do rio Corumbau e do Parque Nacional. Resolvemos ocupar essa área que era até então do MST. Então daí criou o primeiro cacique da aldeia que foi Edvaldo Braz conhecido como "Dil" e eu fiquei como vice-cacique. Então criou o primeiro GT (gestão territorial), fazendo o estudo e conhecimento da área. Edvaldo trabalhou como cacique durante 8 anos, e eu como vice-cacique. Então ele resolveu ir embora para a aldeia Boca da Mata, e eu assumi em 2006 e estou até hoje.

Trabalhamos para buscar o melhor para a nossa aldeia na saúde e na educação. Todos os espaços que foram criados na aldeia: escolas, posto de saúde,

farinheira, igreja, cozinha comunitária e etc. sempre contaram com o apoio de todos na comunidade.

Nossa aldeia também cresceu: hoje contamos com 96 famílias, aproximadamente 480 indígenas que moram em Corumbauzinho. Ainda vivemos da agricultura como meio de sobrevivência principal, mas também tem o artesanato de madeira que também é o meio de sustento de muitos. Temos nosso pajé, que é o ancião Mario Braz, e também é um dos fundadores da aldeia. (Relato do atual cacique- Adailton Pereira Braz.14-03-2023)

1.3 - BREVE HISTÓRICO DA UNIDADE ESCOLAR

A seguir, segue o texto extraído do Projeto Político-Pedagógico do Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho:

A Escola Municipal Pedro Álvares Cabral, foi fundada em 3 de março de 1992 pela Prefeitura Municipal de Prado-BA, juntamente com membros da comunidade de Corumbauzinho e da comunidade de Fé Católica. Iniciaram-se as atividades com uma estrutura ainda inacabada: uma única sala de aula e sem acesso. Estudos têm apontado a responsabilidade da desnutrição no processo de evasão escolar.

Outra questão preocupante, diz respeito ao nome dado à escola. De acordo com discursos contemporâneos, a educação escolar indígena deve voltar-se para a valorização e manutenção dos traços culturais das diversas etnias, observou-se uma violência simbólica sem precedentes, ao nomear-se a escola Pataxó de Pedro Álvares Cabral. Como os povos indígenas poderiam desenvolver um sentido de pertencimento com um espaço que carrega um nome tão cheio de signos e significados referentes a um passado que se busca separar?

A educação diferenciada pressupõe currículo e materiais didáticos também diferenciados, além de professores indígenas. O último aspecto se constituiu num dos maiores problemas enfrentados durante longos anos. A primeira professora enviada para lecionar na escola, Grete, não possuía formação específica, atuando de março de 1992 a 1993; o segundo professor nomeado pela comunidade, Ednaldo, também sem formação específica, atuou entre março e agosto de 1994 do mesmo ano; em dez de agosto de 1994, a comunidade conseguiu, junto à prefeitura, contratar um novo professor, Adeilton Silva Paixão (leigo), que com muitas dificuldades conseguiu atravessar barreiras, fazendo a escola funcionar durante os três turnos, com um único professor. Por não se observar nenhuma preocupação por parte das autoridades municipais com a educação escolar indígena, em 1999, a comunidade juntamente com órgãos e ONGs se mobilizou para passar a responsabilidade da educação para o Estado. Apenas em 2003, lideranças indígenas e professores, durante o Fórum de Educação Escolar Indígena, na presença de autoridades políticas e de acordo a lei 10.172 da educação nacional, o Estado assume a educação escolar indígena.

Em 2001, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e o Ministério da Educação (MEC), começaram a realizar cursos para os professores que atuavam na escola indígena, os mesmos eram contratados pela prefeitura

municipal de Prado/Bahia. Com esses encontros, os professores começaram a ter noções do que vem a ser a Educação Escolar Indígena.

Em 2002, a comunidade em parceria com igreja católica da diocese de Teixeira de Freitas, sem apoio da prefeitura, realizou a primeira ampliação da sala onde funcionava a escola. Melhora da infraestrutura ocasionou uma melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

No Diário Oficial do Estado da Bahia, em 28 de abril de 2004, a comunidade Pataxó obteve uma vitória: a Escola Municipal Pedro Álvares Cabral se estadualizou passando a se chamar: Escola Estadual Indígena de Corumbauzinho. Então, passaram a ser mais respeitadas às especificidades de cada povo, com a promoção de um ensino diferenciado, respeitando a cultura, permitindo a produção de materiais didáticos indígenas produzidos pelo próprio povo indígena.

Em 2005 todos os profissionais da educação escolar indígena já participavam de formações continuadas realizadas pela Secretaria de Educação do Estado. Entre 2006 a 2009, a escola obteve melhorias na estrutura física, tendo o governo do Estado iniciado à construção de um novo prédio escolar. Hoje, conta-se com uma escola onde possuem professores efetivos e outros são contratados pelo REGIME ESPECIAL DE DIREITO ADMINISTRATIVO (REDA).

A Escola Corumbauzinho, contava com quatro anexos: Aldeia Nova, Canto da Mata, Craveiro e Tawá. Estes anexos se desvincularam e passaram a se tornar escolas independentes. Hoje a escola se estabiliza apenas com a escola sede.

Contudo, a referida realidade ainda se encontra distante do ideal. Faz-se mister uma política educacional que reveja e crie um novo sistema, capaz de atender às diversas demandas dos estudantes, que para serem apreendidas pelo docente, necessitam de cursos de formação continuada e, sobretudo, de um período de tempo maior na comunidade para compreendê-la e conseguir por em prática seus projetos educacionais. Contratos como o REDA, faz com que os docentes não tenham a expectativa de permanência na função, o que dificulta suas ações e o desenvolvimento de um trabalho sistematizado e, por vezes, não permaneçam nela até o final de um período letivo, desestimulando os estudantes que em sua maioria são trabalhadores, tornando ainda mais complexa a situação.

Em 2014, a Escola Estadual Indígena de Corumbauzinho passou a denominar-se: Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho, devido passar a ministrar o Ensino Médio. O Ensino Médio, era uma demanda que cada ano que passava, crescia. Neste mesmo ano foi anexado a este Colégio o Anexo Canto da Mata.

Em 2015, o Colégio já contava com as três séries do Ensino Médio no turno noturno e já no final do ano, o Colégio passou a ter internet fornecida pela Secretaria de Educação.

Em 2016 foi formada uma comissão do PDDE que estava parado desde 2012. Com os recursos conseguimos executar o projeto Mais Educação e conseguimos comprar diversos móveis para o ambiente escolar.

O anexo Aldeia Nova foi desvinculado do Colégio Corumbauzinho no início de 2017 a pedido da vice-cacique da aldeia (PPP, 2020, p. 5-7).

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, a Educação Escolar Indígena precisa ser diferenciada, bilíngue/multilíngue, específica, intercultural e de qualidade (BRASIL, 1998). Baseados neste pensamento, o Colégio Corumbauzinho faz o seu Projeto Político-Pedagógico com a finalidade de fortalecer a Cultura Indígena e nunca negar a nossa Identidade.

Hoje a escola é composta por um prédio construído pelo Estado, com duas salas de aulas, 2 banheiros, uma secretaria e uma cantina; outra construída pela comunidade, com 2 salas, uma biblioteca (usada como sala de aula e sala de informática) e um banheiro (Figuras 2 a 6).

Na parte dos colaboradores é formado por 26 funcionários, sendo um diretor, uma vice-diretora, 17 professores, três merendeiras, duas serventes e três ADM (pessoal de apoio). Atende creche 3 anos, Educação Infantil 4 e 5 anos e Fundamental 1 no período matutino, fundamental 2 e Ensino Médio no vespertino e EJA alfabetização, 6º ao 9º anos, totalizando 155 estudantes. A escola também recebe alunos de outras aldeias e assentamentos próximos.

Ano passado a escola, com apoio de parceiros e com rifas realizadas pela equipe escolar, conseguiu arrecadar verbas para a ampliação da escola. Dessa forma, estamos construindo mais 3 salas de aula. Elas já estão funcionando, porém ainda precisam ser terminadas. Por isso, a equipe novamente estará realizando mais uma rifa benéfica para o término dessas salas.

Figura 2 - Casa de Dona Maria Pereira, 2º local onde foi ministrada as aulas em Corumbauzinho. Nessa época não tinha sala de aula construída. O primeiro local foi na casa de Sr. Mario Braz, o pajé da aldeia.



Fonte: Adeilton Paixão, 2002

Figura 3 - Pastoral: a primeira igreja da comunidade. Também por muito tempo serviu como sala de aula



Fonte: Adeilton Paixão, 1998

Figura 4 - Primeiro espaço físico construído pela comunidade.



Fonte: Autor desconhecido

Figura 5 - À esquerda, as duas salas feitas pela comunidade, reformadas pelo Estado, e à direita o prédio construído pelo Estado



Fonte: Gracielle Braz, 2022

Figura 6 - As 3 salas em fase de construção (recursos de doações e rifas organizadas pela equipe da escola)



Fonte: Gracielle Braz, 2022

1.4 - MEMORIAL ADAYELLE

Meu nome é Adayelle Conceição Paixão, conhecida como Day. Tenho 27 anos e moro na aldeia Corumbauzinho. Meus pais se chamam Aderivaldo Silva Paixão e Miscilene Dajuda Conceição. Eu moro com minha avó Valdecy e meu pai adotivo, Betiel. Devo a eles tudo o que sou hoje. Mesmo não sabendo ler, eles se importaram com a minha educação. Foram fundamentais em cada processo e etapa do meu aprendizado escolar e também na minha vocação como professora.

Aos 7 anos comecei a estudar em uma sala multisseriada até a 3^a série (4^º ano) do ensino fundamental I (anos iniciais do ensino fundamental). Durante a 4^a série (5^º ano), com o apoio dos meus pais adotivos, fui morar com meus avós paternos que moravam na cidade. No começo foi difícil, pois me deparei com uma nova realidade. Tive muita dificuldade para aprender novos conhecimentos.

Quando passei para a 6^a série (7^º ano), quis voltar novamente para a aldeia para ficar com meus pais. Infelizmente na minha aldeia ainda não tinha uma escola que pudesse aderir a todas as demandas, porque só tinha aula até a 5^a série (6^º ano). Então nós estudávamos em outra escola indígena: Escola Estadual Indígena Bom Jesus, da aldeia Águas Belas. Essa escola ficava mais próxima. Todavia, as dificuldades só aumentavam, porque quando chovia passávamos meses sem estudar, ou quando o transporte quebrava, sempre ficávamos no prejuízo.

Depois de algum tempo, as lideranças da comunidade de Corumbauzinho, percebendo as dificuldades encontradas em relação aos estudantes que tinham que se deslocar para outras escolas, reuniram-se para que a Escola Estadual Indígena de Corumbauzinho pudesse oferecer os anos finais do ensino fundamental. Estudei em Corumbauzinho as 7^a e 8^a séries (8^º e 9^º anos).

Após concluir os anos finais do ensino fundamental, fui estudar no Colégio Estadual Vinte e Cinco de Junho, localizado no assentamento Três Irmãos. No entanto, a preocupação com os estudos voltou: chovia sempre e ficávamos meses sem estudar. Mesmo assim, com muitas dificuldades consegui concluir a 1^a série do ensino médio.

Logo após, fiquei muito preocupada com meu desenvolvimento escolar, pois tive muita dificuldade para cursar essa série no colégio citado. Com isso, decidi ir terminar o ensino médio na cidade. Fui estudar no colégio Modelo de Itamaraju e me deparei com novas dificuldades para aprender, mas me dediquei e consegui absorver muito conhecimento. Conclui o ensino médio em 2015, com 18 anos.

Mais tarde, ao terminar o ensino médio, continuei na cidade, fiz o Enem, e consegui uma nota boa. Com essa nota, consegui uma vaga para cursar Psicologia em outra cidade, mas optei por não fazer, devido às minhas condições financeiras.

No ano seguinte fiquei sabendo sobre uma seleção para contratação de professor indígena. Essa seleção é conhecida como Reda (Regime Especial de Direito Administrativo). Interessei-me por ser um trabalho que seria na minha comunidade, por ficar perto dos meus pais e por trabalhar como professora, que era algo que eu gostava bastante.

Um tempo depois, fiz a prova do Reda, e, no mesmo ano, também fiquei sabendo sobre o Fiei (Formação Intercultural para Educadores Indígenas). Fiquei ainda mais feliz quando soube que era para a área de Ciências (Biologia, Química e Física). Dessa forma, fiz a minha inscrição no vestibular da UFMG para concorrer uma vaga nesse curso. Fiquei bastante empolgada e torcendo para passar pelo menos em um dos dois (prova do Reda e/ou vestibular). Quando saiu o resultado do Reda, constando que eu tinha passado, fiquei muito feliz. Posteriormente, saiu o resultado do Fiei, e o meu nome estava lá. Eu não conseguia nem acreditar.

Quando eu comecei a trabalhar na escola em julho de 2018, em setembro de 2019 nós viemos para estudar o módulo em BH (Belo Horizonte). No Fiei, eu adquiri muito conhecimento durante os 45 dias que estive estudando. Todavia, eu queria muito voltar para a minha comunidade: queria contar a experiência que vivi e os desafios que enfrentei.

No Fiei, percebi o quanto estava distante da minha cultura. Mesmo vivendo na comunidade, a sensação que eu tinha era de que eu estava muito aquém, culturalmente. Percebi, principalmente, como era importante participar ativamente dos rituais, saber os cantos sagrados e também sobre os nossos saberes tradicionais, fazendo os trabalhos sobre a medicina tradicional percebi ainda o quanto eu queria estar conectada com as minhas raízes e despertou em mim um sentimento de ação, de fazer mais pelo fortalecimento da nossa cultura e

principalmente dentro da aldeia Corumbauzinho, onde a maioria desses costumes já não são praticados com muita frequência

Na época em que retornoi para a aldeia, conversando com outros jovens, tivemos a ideia de criar um grupo de cultura da comunidade para estarmos participando de rituais, e também para estarmos fazendo intercâmbios com outras aldeias. Manter um grupo focado não é fácil e às vezes desanimamos, pensamos em desistir; mas a nossa força de vontade supera qualquer adversidade. O nosso objetivo agora é fazer um centro cultural para que os rituais sejam praticados nele e que seja um lugar de encontro com a comunidade.

Na sala de aula, trabalho com ciências. Então, trabalhar um tema como a preservação da medicina tradicional na escola é muito importante e já estou vendo a possibilidade de estar incluindo os alunos também para estar reforçando as práticas do resgate e, ao mesmo tempo, aprendendo a valorizar a cultura e os seus conhecimentos sobre o uso das ervas medicinais. Há uma preocupação muito grande, em relação ao interesse dos alunos sobre a questão das práticas tradicionais vividas pela comunidade. Assim, esse trabalho contribuirá para o fortalecimento e também despertar em nossos alunos o interesse em cuidar e preservar a nossa cultura.

1.5 - MEMORIAL DAMIANA

Na infância – antes da escola

Meu nome é Damiana da Cruz Deocleciano, tenho 36 anos e vou contar um pouco da minha história desde a infância até agora. Vou começar dizendo que minha vida escolar foi toda em escola não indígena. Eu nasci na Vila de Corumbau, uma vila de pescadores. Minha mãe era de Barra Velha e se casou com meu pai que era pescador e veio morar aqui em Corumbau. Dessa forma, não tive contato com minha cultura.

Quando criança, a partir dos cinco anos, lembro-me que as brincadeiras eram muito livres. Ao entardecer, era hora de ir para a praia brincar na areia, fazer castelos, casinhas, etc., a gente brincava no mangue também, porém dependia muito da maré. Geralmente, era quando ela estava seca. Fazíamos casas de bonecas sobre as raízes do mangue e ficávamos horas brincando.

Tinha as brincadeiras à noite, principalmente na lua cheia. Reuniam-se a maioria das crianças da vila e iam brincar no campo de areia. Eram várias brincadeiras (brincadeiras de roda, pega-pega, telefone sem fio, esconde-esconde, cai-no-poço, dentre outras). Enfim, posso dizer que tive uma infância muito satisfatória, cheia de brincadeiras.

Na idade escolar – já quando frequentava a escola

Iniciei os estudos aos sete anos. Na vila onde eu morava, não tinha escola até 1992. Os professores vinham de outros municípios (Guarani ou Itamaraju). A escola oferecia até a 4^a série (5º ano) e a turma era multisseriada. O meu primeiro professor se chamava Paulo, porém ele não trabalhou muito tempo. Na sequência, veio outro chamado Hélio. O processo de alfabetização dele era um pouco rígido. Nós não seríamos aprovados para a 1^a série enquanto não soubéssemos ler e escrever. Ele foi um professor inesquecível para muitos estudantes da região. Ele não possuía o ensino fundamental completo.

Quando terminei a 4^a série (5º ano), tive que ir morar com minha avó paterna no Guarani, um distrito que fica a 54 quilômetros de Corumbau para estudar, pois não havia a 5^a série (6º ano). Não me acostumei com essa mudança, pois era tudo diferente da vila: aquelas brincadeiras que eu vivia não tinham mais e a saudade de meus pais era grande. No meio do ano vim passar as férias e não consegui voltar mais para estudar. Acabei ficando sem estudar o resto do ano.

No ano seguinte fui estudar na Escola Agrícola Santa Rita. Estudei a 5^a série (6º ano) e a 6^a série (7º ano), pois não houve mais transporte escolar. Com isso, no ano seguinte, tive que ir para outra escola que possuía transporte escolar. A escola localizava-se no assentamento conhecido como Três irmãos. A maioria dos estudantes eram de aldeias, pois nestas não tinham aulas para essas turmas. Só haviam aulas até a 4^a série (série) também. Estudei nessa escola a 7^a série (8º ano) e a 8^a série (9º ano).

Após isso, precisei ir para outra cidade estudar, já que na região não tinha o ensino médio. Fui para Caravelas a convite de um casal que trabalha no Instituto Baleia Jubarte. Meus colegas ficaram sem estudar neste ano, pois não teve como ir para outro lugar. Concluí o ensino médio em Itamaraju.

Assim que terminei o Ensino Médio, apareceu uma oportunidade de entrar para uma faculdade. Apesar de a faculdade localizar-se longe da minha residência, era um curso que eu tinha muito interesse em cursar, que era Biologia na FTC (Faculdade de Tecnologias e Ciências).

Quando eu estava no início do segundo semestre da faculdade, fui chamada para trabalhar como professora na Escola Municipal Santa Rita de Cássia, onde estudei a 5^a e a 6^a série. Trabalhei lá de 2008 a 2014 até o concurso de professores indígenas da Bahia. Fui aprovada nesse concurso e comecei a trabalhar na aldeia Águas Belas, porém não deu certo e pedi transferência para outra aldeia. Fui para a aldeia Corumbauzinho, local onde estou atuando. Está sendo uma experiência incrível na aldeia Corumbauzinho. Boa parte de minha família mora aqui nessa aldeia.

Já adulta – quando escolheu e se candidatou ao Fiei

Como disse antes, minha vida escolar, e também social, foi toda não indígena. Não convivi com a minha cultura. Aí quando comecei a trabalhar na aldeia Corumbauzinho, me despertou essa vontade de me aprofundar nessa cultura que até então eu era leiga. Realmente as escolas não indígenas não ensinam nada sobre nós. Assim, senti a necessidade de fazer uma faculdade intercultural, pois a que eu fiz era a convencional, cuja não havia um tratamento específico sobre a educação escolar indígena e a interculturalidade. Fiz a inscrição e passei, graças a Deus!

Está sendo uma experiência maravilhosa fazer o Fiei. Durante esse tempo, a faculdade está me proporcionando uma sensação incrível do que é ser e fazer indígena. Ela está fazendo com que eu aprofunde os meus conhecimentos para melhorar a minha escola e a comunidade em que convivo em regime comunitário.

Desde de 2017 quando meus filhos ficaram mais de um mês tossindo, gripados, dando febre, fazendo vômitos, e nesse período passando por médicos com lista e mais listas de remédios e nada resolia, foi aí que parti para os remédios caseiros. Minha mãe dizia que sempre usava “remédios de mato” com a gente. Desde então comecei a fazer os chás e banhos, foi assim que tudo ficou bem. Hoje, eu, meu esposo e meus filhos só fazemos uso de plantas para febre, dores em geral, tosse e gripe. Quando alguém me pergunta se tenho remédio para isso ou para aquilo, só indico remédio caseiro.

1.6 - JUSTIFICATIVA

O pajé da aldeia Corumbauzinho, Mário Braz, afirma que “A cultura do índio é fazer essas coisas, é fazer remédio de mato”. Analisando o pensamento do pajé, e relacionando com a realidade atual, sabe-se que dentro das comunidades indígenas a utilização da medicina tradicional vem se enfraquecendo cada vez mais, e não é diferente na aldeia Corumbauzinho, que é composta por 93 famílias e aproximadamente 470 indígenas, e sua maioria faz uso de medicamentos farmacêuticos, o que traz uma grande preocupação para os anciões da comunidade, que não são mais procurados para ensinar a fazer chás, xaropes, banhos e garrafadas, nem falar da importância da medicina tradicional para a comunidade.

Percebe-se a necessidade de um olhar mais atento para essa questão, considerando a importância da medicina tradicional que vem sendo desvalorizada e correndo o risco de se perder ao longo do tempo.

Foi a partir dessa necessidade que decidimos trabalhar com tema do nosso Percurso, algo que falasse sobre remédios caseiros. A nossa ideia é construir um horto medicinal em forma de um relógio biológico, onde serão cultivadas as plantas que servirão para as receitas de remédios, como: xaropes, chás, banhos, pomadas, garrafadas, entre outros.

Acreditamos muito nas plantas e sabemos que existem remédios de plantas para todas as doenças. Hoje muitos parentes esqueceram ou não praticam como antes o uso das plantas. Quando começam a sentir alguma coisa, já se direcionam para o consumo dos medicamentos manipulados. Não que eles sejam ruins, mas com isso as práticas da utilização dos remédios caseiros estão acabando.

O uso das plantas medicinais acontece desde o princípio, principalmente pelos nossos antepassados. A única alternativa deles era usar coisas da natureza, e sempre dava muito certo. Vale lembrar que há uma distinção entre a Medicina Tradicional e a Medicina Ocidental, onde os Saberes da Medicina Tradicional é aquele método que os povos tradicionais comprovam a partir da utilização em seu cotidiano. Já os saberes da Medicina Ocidental, ou a convencional, precisa necessariamente de uma comprovação científica feita em laboratório e passa por um processo de manipulação.

A ciência dos povos tradicionais é essencial para a contínua manutenção de usufruir essa prática que é tão importante para nós. Com o surgimento de muitas doenças/enfermidades, o tratamento com as plantas medicinais está muito presente e sendo eficaz no combate das patologias no dia a dia das pessoas, não somente para os povos tradicionais, mas para boa parte da sociedade:

Desde então, seu uso não parou mais, seja no âmbito caseiro, comunitário ou comercial, na forma in natura, verde ou seca, ou a partir de produtos e subprodutos derivados, na forma de condimentos em alimentos, bebidas ou também aproveitadas como aromatizadores de ambientes, perfumes, cremes, cosméticos em geral, compressas, tinturas e xaropes. Dependendo da espécie e da finalidade, ela pode ser medicinal, condimentar e ou/aromática curando e amenizando doenças (SANTOS, Rudney dos Técn. Responsável, Revista Centro Agrícola de Porto Alegre pág.1)

No período pandêmico em nossa comunidade, o uso das ervas medicinais surtiu efeito para que os sintomas não se agravassem e não precisar irem para o hospital. Quando o índice do COVID-19 estava em alta, a maioria das pessoas da aldeia teve os sintomas dessa doença, uns mais fracos outros mais fortes, porém como não poderia sair, por conta da quarentena, eles começaram a buscar alternativa de cura dentro do território, e as plantas foram a saída. Pelos relatos de parentes, as principais ervas que usaram foram a carqueja, o boldo, a erva santa e a pitanga, sumos e banhos, xaropes com alho, cebola, gengibre e limão. A Natureza nos oferece

cura para todos os tipos de doenças, é só manusear as plantas com cautela na medida e hora certa.

1.7 – OBJETIVOS

1.7.1 – OBJETIVO GERAL

Planejar, construir e apresentar à comunidade um horto medicinal na escola com base em informações levantadas com estudantes e outras publicações feitas sobre plantas medicinais

1.7.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Levantar, junto aos estudantes, informações sobre o conhecimento e uso de plantas medicinais;
- Conhecer as mais variadas plantas para o uso medicinal; catalogar seus nomes populares, científicos e identificar seus usos como medicamentos;
- Planejar e criar, junto com os estudantes, um horto medicinal, para desenvolver o cultivo das plantas tradicionais, que atenda às necessidades dos indígenas da aldeia de Corumbauzinho;
- Para essa criação do horto, escolher as plantas medicinais mais adequadas e cuidar da compostagem necessária;
- Sugerir à direção da escola incluir no Projeto Político-Pedagógico da escola um item sobre a importância e manutenção do horto medicinal

2 - METODOLOGIA

Para a realização do trabalho, foram realizadas as etapas metodológicas descritas no Quadro 3.

Quadro 3 – Etapas do caminho metodológico do trabalho

Etapa	Descrição
Etapa 1	Entrevista: questionários com os estudantes
Etapa 2	Coleta de dados de nomes, tempos, para que serve e forma de cultivo das ervas medicinais, que serão usadas no horto
Etapa 3	Compostagem;
Etapa 4	Apresentação do trabalho para os estudantes;
Etapa 5	Planejamento da construção do horto;
Etapa 6	Coleta das plantas feitas pelos estudantes
Etapa 7	Limpeza, nivelamento e preparação do local do horto
Etapa 8	Construção do horto e plantio das mudas
Etapa 9	Apresentação do projeto para a escola e comunidade

Fonte: autoras.

Essas etapas, os resultados obtidos e análises realizadas serão detalhados no próximo capítulo.

3 – RESULTADOS E ANÁLISES

O primeiro passo para envolver os estudantes em nosso trabalho de percurso foi a elaboração de um questionário por meio do Google, *Forms* feito com as turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II e 1ª a 3ª séries do ensino médio, onde colocamos questões sobre o uso das ervas medicinais que eles utilizam em seu cotidiano (Apêndice A). A partir das informações que obtivemos do questionário, fizemos um levantamento das plantas citadas por eles para fazer a coleta dos nomes, preparo da terra, construção do horto e na sequência o plantio.

Para darmos um ponto inicial no nosso percurso, precisaríamos saber do interesse e conhecimento dos estudantes sobre o tema a ser trabalhado. Para a coleta de dados foi utilizada a seguinte estratégia: um questionário que foi feito pelo Google Forms, elaborado durante pandemia, onde tivemos retorno de 41 respostas dos estudantes. O questionário continha 7 perguntas relacionadas com os conhecimentos sobre o uso das plantas medicinais. A seguir está a análise das respostas dos estudantes.

A primeira pergunta foi sobre a importância das ervas medicinais para a aldeia, e então destacamos algumas respostas que chamaram mais atenção:

É importante para que não perdemos nossos costumes e tradições, as ervas fazem parte do nosso cotidiano e facilita nos momentos que mais precisamos.

Na aldeia, o uso das ervas medicinais é importante, pois quando uma pessoa fica doente, geralmente usam para poder melhorar, seja lá o que estiver sentindo e porque o povo indígena confia mais nas ervas do que em alguns remédios que são receitadas pelos médicos.

É importante para ferimentos, machucados, gripes, melhorar a saúde, ajuda na prevenção de doenças, entre muitas outras.

Muito importante, na minha comunidade mesmo tem erva para tudo.

É importante o uso de ervas medicinas para mostrar como os antigos indígenas tratavam suas doenças.

As plantas medicinais ajudam na cura ou tratamento de várias doenças. Elas são usadas há muito tempo por nossos antepassados e são conhecidas por terem um papel importante na cura e tratamento de algumas doenças.

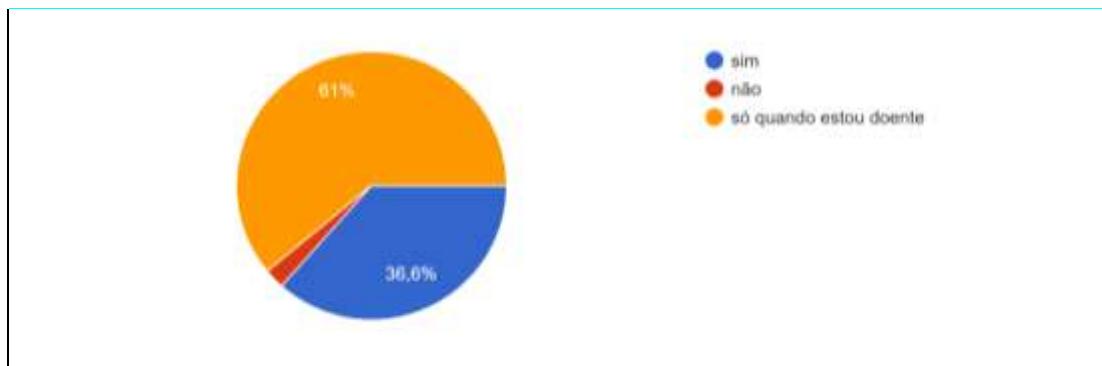
É muito importante, porque como o hospital é longe, se a erva for muito boa, já não vai precisar.

Para curar doenças e se proteger da Covid-19.

A maioria das respostas tinham as ervas medicinais para o tratamento de doenças, principalmente para dor de barriga, gripe, dor de cabeça e ferimentos. Geralmente os estudantes têm conhecimento sobre essas ervas para o tratar doenças que são mais comuns na comunidade.

A segunda pergunta foi sobre o uso das ervas medicinais, abaixo está o gráfico 1 com porcentagem das respostas dos estudantes:

GRAFICO 1 – Respostas dos estudantes à pergunta se faziam uso de ervas medicinais

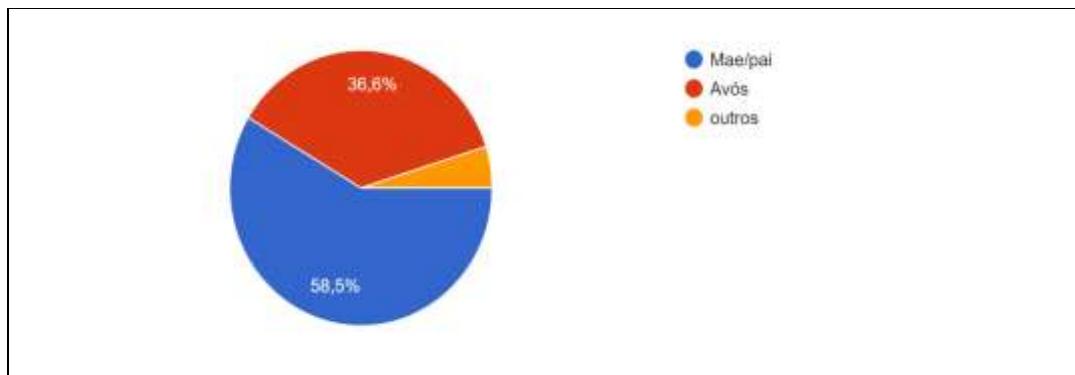


Fonte: Dados da pesquisa -2022

Pelas respostas do gráfico, percebemos que apenas 36,6% dos estudantes fazem o uso normal e frequente das ervas medicinais, enquanto 61% dos estudantes só fazem o uso quando estão doentes.

Com a próxima pergunta queríamos saber com quem eles aprenderam a utilizar as ervas medicinais, e como mostra no gráfico 2, percebemos que a forma de passar os conhecimentos tradicionais de pais para filhos, é algo que atravessa as gerações, os costumes ainda continuam, mesmo que não haja tanto interesse por parte dos jovens. SANTANA (2018, p. 12) diz que “há falta de interesse também dos próprios jovens de buscar o conhecimento com os mais velhos da aldeia. Com a entrada da tecnologia nas comunidades alguns jovens não se importam tanto com esses conhecimentos da cultura dos anciões”.

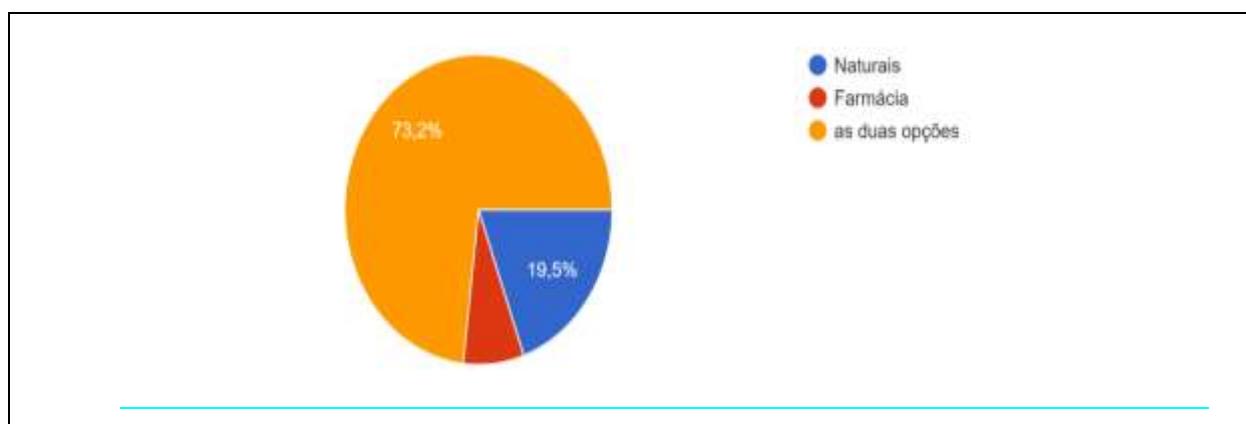
GRAFICO 2 – Respostas dos estudantes à pergunta sobre com quem aprenderam a usar as ervas medicinais



Fonte: Dados da pesquisa -2022

No gráfico 3, olhando as alternativas para a pergunta sobre que tipos de medicamentos eram utilizados, percebemos que os medicamentos usados pelas famílias são praticamente as mesmas quantidades, tanto medicamentos farmacêuticos quanto naturais. Mais uma vez percebemos que o uso de remédios farmacêuticos vem tomando cada vez mais espaços na comunidade de Corumbauzinho.

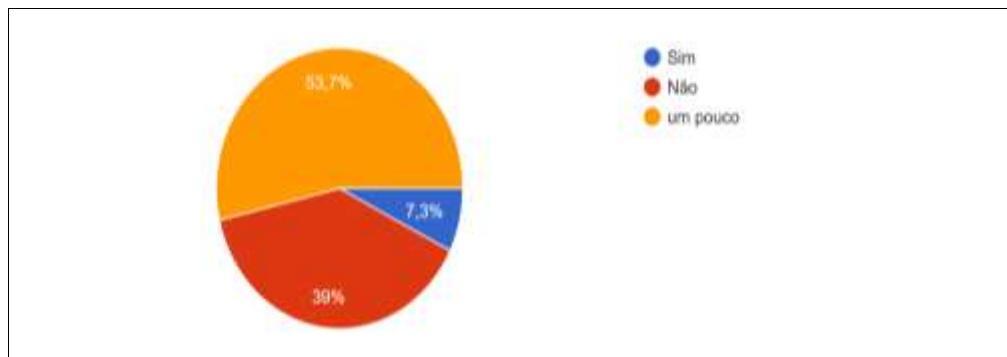
GRAFICO 3 – Respostas dos estudantes à pergunta sobre que tipo de medicamentos usam



Fonte: Dados da pesquisa - 2022

No quarto gráfico abaixo, percebemos que as respostas dos estudantes reforçam um pouco mais o terceiro gráfico, quando se fala que os medicamentos naturais estão perdendo espaço para os remédios farmacêuticos, isso também se dá quando perguntamos se ele acha que o uso das plantas medicinas tradicionais estão sendo esquecido na comunidade.

GRAFICO 4 – Respostas dos estudantes à pergunta sobre se as plantas medicinais tradicionais estão sendo esquecidas na comunidade



Fonte: Dados da pesquisa - 2022

Quando questionados quais eram as plantas que eles conheciam, percebemos que a maioria das plantas que eram do conhecimento dos estudantes elas se repetiram em diversas respostas dos estudantes: plantas como Boldo, Erva-doce, Mastruz, Babosa, Erva-cidreira, Carqueja, Arruda, Alumã, Trançagem e Hortelã. Todas essas plantas servem principalmente para gripe e são as mais usadas na comunidade.

O interessante é que sobre as informações dos nomes, importância e processo do uso das ervas, os estudantes já tinham uma prévia do conhecimento, pois o questionário foi feito em sala de aula sem precisar levar para casa e responder. Ou seja, eles já tinham um certo saber prévio sobre o assunto que aprenderam no convívio da família. Pensamos em fazer planejamentos de aulas falando sobre as ervas e horto medicinal, adubo orgânico, reaproveitamento de garrafas pet.

A necessidade de trabalhar sobre as ervas medicinais nas aulas de Ciências é que as aulas ministradas são baseadas em os livros didáticos, não implementando assim os conteúdos no âmbito *etno* e isso faz com que esses saberes tradicionais não sejam passados para os estudantes durante as aulas. Esses saberes, na maioria das vezes, só são apresentados nas festividades e eventos da escola, cujos temas geradores tratam desses assuntos. Por isso é muito importante implementar no projeto aulas voltadas para o conhecimento tradicional.

Nossa proposta foi envolver os estudantes inteiramente, desde as aulas em sala de aula até a manutenção diária do horto:

A necessidade de utilizar metodologias que façam com que o aluno possa compreender e perceber o conteúdo que está sendo explicado é cada vez maior, pois o aluno é instigado a pensar em soluções, tornando-se protagonista.

Os conteúdos de Botânica, muitas vezes, são abordados dentro de uma perspectiva tradicional de ensino, de forma totalmente desvinculada da realidade dos estudantes, o que impossibilita a conexão do conteúdo escolar à dinâmica da natureza e exclui os seres humanos como pertencentes das relações ecológicas visualizadas em sua aprendizagem (BITENCOURT, 2013, p.20). (HABOWSKI, 2019, p. 2).

Primeiramente, fizemos a localização e medição do terreno a ser feito o horto. Lembrando que deve ser um local onde o sol pega pela manhã, pois nesse período os raios são mais propícios para as plantas. Depois foi feita a limpeza e a aragem do solo. Na sequência foi feita a medição de cada canteiro que é em forma de triângulo. Foram 12 no total, com medidas de 1m x 1,5m e um em forma de círculo de aproximadamente 45 cm de diâmetro. Este ficará no meio. Além das ervas que foram plantadas no horto, que são plantas de porte pequeno, vamos plantar outras maiores, que também são ervas medicinais como a Amesca, o Pião Roxo, o Algodão e o Açafrão (Curcuma). A ideia também foi de fazer uma aula explicativa em sala dos assuntos que precisou para fazer o horto.

O horto é em forma de um relógio (relógio humano). O intuito desse relógio humano é indicar o horário certo para ser ministrada a medicação e justamente para que cada canteiro seja plantado ervas destinadas à patologia de acordo com cada órgão de nosso corpo. Uma etapa importante para a construção do horto foi pensar na compostagem, pois foi em nosso primeiro semestre no FIEI, que tivemos uma disciplina com a professora Marina Tavares, onde fomos visitar um espaço da UFMG (figura 7), onde se faz a compostagem para a jardinagem da faculdade. A professora solicitou uma atividade para fazermos a compostagem orgânica em nosso território no período do Intermódulo.

Figura 7 - Estudantes da habilitação CVN-FIEI visitando uma área no espaço da UFMG destinada a compostagem



Fonte: Desconhecida

A compostagem orgânica já teve início desde o mês de junho de 2022. Essa compostagem deve ficar no mínimo 3 meses no processo de preparação e decomposição. Para armazenar essa compostagem, cavamos um buraco de aproximadamente 80cm² x 1m de profundidade. Usamos restos de alimentos (verduras, frutas, casca de ovo, pó de café e legumes) disponibilizados pela escola (Figuras 8 e 11), além de pó de serra (Figura 9), folhas secas e esterco de galinha (Figura 10). Então colocamos uma camada de pó de serra, outra de restos de alimentos, pó de café (Figura 12) e o esterco de galinha, e depois pó de serra novamente e folhas, assim sucessivamente. A intenção é adicionar o esterco de vaca para finalizar o adubo.

Figura 8 - Resto dos alimentos



Fonte: Autoras - 2020

Figura 9 - Pó de serra



Fonte: Autoras - 2020

Figura 10 - Esterco de galinha



Fonte: Autoras - 2020

Figura 11 - Casca de ovo



Fonte: Autoras – 2020

Figura 12 - Pó de café



Fonte: Autoras – 2020

A divisão dos canteiros poderia ser feita a partir de blocos, tijolos, madeiras e pneus. Mas pensamos em fazer com garrafa pet. Além do custo benefício, tem alternativa de reaproveitar as garrafas e diminuir a quantidade de lixo em nossa aldeia, já que não tem coleta de lixo por aqui.

A meta que tínhamos era seguir um cronograma criado por nós e pelo nosso orientador, mas infelizmente não conseguimos acompanhar o cronograma, devido às dificuldades que encontramos ao longo do processo.

Em julho, tivemos nossa primeira conversa com Célio, foi quando criamos o cronograma, e que em agosto seria a reescrita do projeto a partir de novas ideias que tivemos. Setembro íamos para o módulo em BH, e outubro seria as escolhas das plantas para o horto. Nesse tempo tivemos dificuldades em saber quais plantas usaríamos no horto. Então demos uma pausa para pesquisar mais.

O nosso objetivo era fazer com que os alunos participassem de todo o processo, foi quando apareceu uma das maiores dificuldades: no dia 28 de outubro de 2022, nossa aldeia retomou uma área que estava sob o domínio de um pecuarista, e muitos dos nossos alunos foram juntos com seus pais, o que dificultou a continuidade do trabalho, pois a maioria não estava comparecendo na escola. Isso foi uma de nossas preocupações até porque já estava chegando ao final do ano e ainda não tínhamos feito nada da parte prática do projeto. Mesmo com a quantidade pequena de alunos, resolvemos dar continuidade: fomos escolhendo as plantas que os alunos tinham o conhecimento local e separando as mudas.

Em novembro e dezembro de 2022, nós escolhemos o lugar que seria no fundo da escola, só que estava muito sujo, a dificuldade estava em encontrar alguém para poder limpar e cavar um buraco para que pudéssemos estar colocando os restos de alimentos: frutas, verduras, casca de ovos que eram usados na escola, para a partir daí fazermos o uso da compostagem na escola, porém não deu certo. Então deixamos para fazer na nossa casa mesmo, já que tinha um buraco. Então fomos usando-o.

Depois que escolhemos o local, um dos pais se prontificou em ajudar a limpar, fez o roçado, mas teve que parar devido às grandes chuvas que tivemos na região. Era impossível fazer alguma coisa.

Assim que iniciou o ano letivo de 2023, colocamos em pauta a necessidade de já dar início ao horto, uma vez que era para estar pronto de acordo com o cronograma

anterior. Foi feito um novo cronograma onde em fevereiro faria novamente a limpeza do local, a apresentação de um *slide* para os estudantes com o desenvolvimento do projeto e em março dar início a construção do horto (Figuras 13 e 14).

No início a ideia era fazer as repartições dos canteiros com garrafas Pet, porém não conseguimos a quantidade suficiente. Pensamos também em usar mourões de madeiras de 50 cm de altura, também não foi possível, pois teríamos que retirar madeiras da mata e isso não seria uma forma sustentável para nosso trabalho ou eucalipto tratado, isso igualmente não foi possível devido ao custo. Dessa forma iniciamos com lajotas, visto que estava sem uso na escola, até encontrar outra forma de fazer esses canteiros.

Dia 8 de março houve as aulas com *slide* para eles ficarem por dentro do que será trabalhado, por mais que desde o ano passado já tenha trabalhado com eles sobre os temas: plantas medicinais, fitoterapia, horto medicinal, compostagem orgânica, reutilização de garrafas Pet e Ilustração Científica.

Figura 13 - Apresentação do trabalho para a turma do 6º ano



Fonte: Autoras, 8 de março de 2023

Figura 14 - Apresentação do trabalho para o 1º EM.



Fonte: Autoras, 8 de março de 2023

A partir do dia 14 de março deram-se início a limpeza do local juntamente com os estudantes nas aulas de Ciências e Biologia (Figuras 15 a 17).

Figura 15: Escolha do local



Fonte: Autoras, 2023

Figura 16: Limpeza do local com os estudantes



Fonte: Autoras, 2023

Figura 17: Local escolhido limpo



Fonte: Autoras, 2023

Na semana seguinte deu continuidade com a limpeza e nivelamento do terreno/espaco. Neste processo contamos com ajuda de nossos vizinhos João e Pedro Deolindo, de Marcos (esposo de Damiana) e do professor de Matemática Robson Paraguassú (Figuras 18 e 19). Depois da limpeza fez-se a medida da circunferência para saber o tamanho exato dos canteiros, estes em forma de triângulo isósceles, marcados com barbante. Fizemos desse modelo por ser uma forma mais fácil de separar as plantas específicas para cada órgão e também pela apresentação de deixar mais fácil de entender como funciona o relógio para o corpo humano.

Figura 18: Estudantes do 3º ano do ensino médio, com o professor de matemática, calculando as medidas do horto



Fonte: Autoras, 2020

Figura 19: Estudantes do ensino Médio, na construção do Horto



Fonte: Autoras, 2023

Na sequência fizemos sulcos de aproximadamente 8 cm de profundidade para colocar as lajotas. As medidas dos canteiros não ficaram exatamente iguais, pois os espaços que escolhemos não eram nivelados e sempre que terminávamos um lado, o outro ficava desproporcional, mesmo que nivelamos o terreno, ainda assim tivemos dificuldades por conta de algumas lajotas que não encaixava por igual. Durante esse processo, as aulas em sala de aula foram dando continuidade com os temas a serem

tratados no horto. Na primeira unidade, o tema transversal da escola foi sobre Saúde, justamente para que adiantássemos nosso trabalho, que foi dividido em partes, para que agregasse a todos os estudantes para que todos pudessem participar.

Primeiramente colocamos a primeira camada com pó e serra e depois a terra misturada com a compostagem que fizemos anteriormente, juntamente com esterco de galinha.

Esperamos mais ou menos uma semana para o plantio das ervas. Optamos por plantas coletadas na comunidade com ajuda dos estudantes e que foram ditas no questionário feito no início do projeto. Queríamos adiantar o trabalho, então resolvemos começar pelas plantas medicinais que tinham na comunidade e que era de fácil acesso para que os estudantes pudessem trazer as mudas e fazer o processo do plantio.

As que não conseguimos encontrar na comunidade e que necessariamente deveriam estar no horto tivemos que comprar, porém ainda faltam muitas plantas e além disso algumas não resistiram devido a viagem. Plantamos no horto as que conseguimos.

Não tínhamos muitos conhecimentos sobre as plantas, então fizemos uma pesquisa para quais plantas iríamos precisar para completar o horto, compramos as plantas em uma sexta-feira, e chegou três dias depois, e quando chegou percebemos que algumas plantas não iam resistir, e como dito anteriormente não tínhamos muitos conhecimentos sobre o cultivo dessas plantas, depois que chegaram ficaram mais 10 dias até serem plantadas, e durante esses períodos perdemos 3 de 12 plantas que compramos. As que não resistiram foram Cardo Mariano (fígado), Sete Sangria (coração), Calêndula (sistema epitelial). Pelo o que percebemos algumas dessas plantas não gostam muito de água também, o que dificultou a sua resistência. As que sobreviveram foram Funcho (Intestino grosso), Pulmonária (pulmão), Guaco (pulmão), Poejo (pulmão), Cavalinha (bexiga), Morango (bexiga), Malva (bexiga), Sálvia (bexiga) e Orégano (bexiga) essas plantas plantamos e cuidamos para que não morressem.

Tivemos que ir para o módulo em Belo Horizonte, com isso não pudemos dar continuidade. Na volta vamos prosseguir com o projeto.

Enquanto estávamos no módulo Belo Horizonte, pensamos na possibilidade de trazer algumas mudas de plantas medicinais de lá para plantarmos no horto, pedimos ajuda ao professor Wellington (Mandala). ele sugeriu que fossemos ao mercado central, pois haveria uma variedade maior de plantas que estávamos procurando. Como o tempo,

nosso tempo foi corrido e tínhamos algumas atividades do curso para fazer, não conseguimos conciliar com o horário do professor, para irmos comprar essas mudas.

Antes de voltar para Bahia conversamos com professor Wellington (Mandala) e fizemos uma troca de mudas que têm no jardim Mandala. Como não deu para comprar novas plantas trouxemos de lá Espinheira Santa (estômago), Balsamo (estômago), Menta (estômago) e algumas outras plantas que não são específicas para os órgãos, mas que vimos a necessidade de estar plantado ao redor do horto, e que serve para outros tipos de patologias.

Além disso houve uma troca de plantas com algumas pessoas da comunidade que não eram estudantes, mas que gostariam de contribuir. Recebemos Gengibre, Açafrão, Novalgina, Capim Santo, Alumã, Pitanga, Jenipapo, Algodão, Amora, Água de Colônia e Amesca. Plantamos ao redor do horto, pois são plantas que crescem bastante, mas, muitas dessas também servem para os órgãos (Figura 20).

Figura 20: Estudantes plantando as plantas que vieram de Belo Horizonte



Fonte: Autoras, 2023

Voltamos de Belo Horizonte no dia 26 de maio, e durante esse período que voltamos para escola infelizmente não conseguimos sentar para mexer no nosso percurso, pois tinha as demandas da escola para resolver e não conseguimos escrever mais nada (Figura 21).

Depois do recesso escolar, vimos a necessidade de adiantar nosso trabalho, e começamos pela limpeza do horto, estava muito sujo e para isso, usamos a turma do 3º ano do ensino médio, e a turma do 6º ano para fazer a limpeza (Figuras 22 e 23).

Figura 21: Situação do horto quando voltamos de Belo Horizonte



Fonte: Autoras, 2023

Figura 22: Estudantes do 3º ano do ensino médio, fazendo a limpeza do horto



Fonte: Autoras, 2023

Figura 23: Estudantes do 6º ano do ensino fundamental 2 terminando de fazer a limpeza



Fonte: Autoras, 2023

Para cada turma foi estipulado um trabalho: a turma do 7º ano ficou responsável para fazer os desenhos de algumas plantas medicinais (Apêndice C); a turma do 8º ano ficou responsável por catalogar as plantas que já tem no horto e acrescentar as plantas de acordo com a pesquisa que todos alunos fizeram em sala de aula; e a turma do 9º ano ficou responsável de trazer as plantas que outra turma catalogou e que faltavam para plantar.

Outra etapa que estamos fazendo é a identificação de cada triângulo. Uma tábua pequena vamos colocar os nomes dos órgãos e situar na frente de cada triângulo para ficar claro onde estão as plantas indicadas para cada órgão.

A seguir têm imagens de como o horto está agora (Figuras 24). A última limpeza terminou no dia 6 de julho de 2023. Depois disso houve alguns dias com muitas chuvas, o que impossibilitou continuar mexendo no horto, e também o Intermódulo já se aproximava. Então deixamos um pouco de lado para poder focar na parte escrita.

Figura 24: Imagem do horto atualmente



Fonte: Autoras, 06/07/2023

Até o momento temos 37 mudas de plantas ao total, sendo que 28 delas estão plantadas dentro do horto e as demais plantadas ao redor. Muitas dessas plantas já estão sendo usadas por funcionários do quadro escolar, e também sempre que algum aluno

precise de alguma planta para fazer algum chá específico, o horto já está sendo de grande utilidade.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho abordamos o tema que fala da importância do uso das plantas medicinais. Onde fizemos um Horto do Corpo Humano no Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho com as plantas específicas para cada órgão de nosso corpo. Tivemos o apoio do diretor do Colégio Maicon Rodrigues, que é também nosso coorientador. Isso faz com que nossa Educação se torna ainda mais específica e diferenciada. É um trabalho de curto a longo prazo, pois o nosso objetivo não é apenas apresentar o trabalho e ficar só por aqui, e sim, dar continuidade com outros professores e funcionários da escola, incluindo o trabalho no Projeto Político Pedagógico (PPP) onde contemplará o horto de diversas formas. Os nossos agentes principais foram os estudantes e seus familiares. Foi com a ajuda deles que demos um ponto inicial por meio de um questionário onde eles falaram do uso das plantas medicinais em nossa comunidade. Diante do que foi exposto com esta pesquisa concluímos que foi de extrema importância realizar essa construção do Horto em nossa escola, pois está sendo de grande benefício em nossa comunidade. Além disso reforçar o uso das plantas medicinais é uma forma de fortalecer o elo da natureza com o nosso povo. Mediante essa riqueza que em nossa escola deu certo, sugerimos que façam a leitura do nosso trabalho de conclusão de curso.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília. 1998.

HABOWSKI, F. Horto Medicinal: Relógio do Corpo Humano. **Revista Insignare Scientia - RIS**, 2, n. 3, 21 nov. 2019. 134-141. Disponível em: <<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RIS/article/view/11192>>. Acesso em: 4 Agosto 2023.

PPP. PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO. Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho. Prado. 2020.

SANTANA, Joseane Ponçada. Práticas e dosagens tradicionais da medicina Pataxó da aldeia Boca da Mata. 2018. (p 12.). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)– Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilidade em Matemática

RAMOS, L.P.V. (Resp.Tecn). **Relógio do corpo Humano**, EMATER RS, Porto Alegre/RS, s/d

VELLOSO, C.C.; WERMAN, A.M; FUSIGER, T.B. Horto Medicinal Relógio do Corpo Humano. Putinga /RS. 2005.

CUNHA, M. C. da. (2007). Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. Revista USP, (75), 76-84. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i75p76-84>

APÊNDICES

APENDICE A – questionário sobre os conhecimentos prévios sobre o uso de plantas medicinais

01/01/2022 15:26

Questionário sobre o conhecimento e uso das ervas medicinais

Questionário sobre o conhecimento e uso das ervas medicinais

Essa pesquisa está relacionada ao trabalho de percurso das professoras Adayelle e Damiana, com o objetivo de identificar os saberes da medicina tradicionais dos alunos e professores sobre o uso das ervas medicinais, Aldeia de Corumbauzinho.

*Gabinário

1. 01- Qual a importância do uso das ervas medicinais para sua aldeia ?

2. 02 você faz o uso das ervas medicinais?

Marcar apenas uma oval

— 21 —

160

3 - 03- Com quem você aprendeu a utilizar a medicina tradicional?

Mammal species-area model

11 of 11

800

outros

https://docs.google.com/forms/d/1z2BZPCV-TPD0drh2sQAIrK5In-WJ8u-wtts_GoGQxwB8/edit

Fonte: Autoras, 2022

4. 04- marque a alternativa de medicamentos que sua família usa:

Marcar apenas uma oval.

Naturais

Farmácia

as duas opções

5. 05- você acha que o uso da medicina tradicional, tem sido esquecido na sua aldeia?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

um pouco

6. 06-cite 5 plantas medicinais que você conhece?

7. 07- Quais as plantas mais usadas por sua família e para que serve?

8. Obrigada por sua resposta! Se possível, escreva seu nome abaixo.

Fonte: Autoras, 2022

APENDICE B – questionário sobre o uso de plantas medicinais nos órgãos do corpo humano

Questionário referente ao uso das plantas medicinais nos órgãos do corpo humano.

Entrevistado () pais () avós () tios () irmãos () primos

Entrevistador (es): _____

Que planta utiliza para o tratamento de doenças nos seguintes órgãos?

Coração _____

() chá () banho () sumo () suco () xarope () garrafada

Estômago _____

() chá () banho () sumo () suco () xarope () garrafada

Fígado _____

() chá () banho () sumo () suco () xarope () garrafada

Pulmão _____

() chá () banho () sumo () suco () xarope () garrafada

Intestino grosso _____

() chá () banho () sumo () suco () xarope () garrafada

Intestino delgado _____

() chá () banho () sumo () suco () xarope () garrafada

Baço/ pâncreas _____

() chá () banho () sumo () suco () xarope () garrafada

Rins _____

() chá () banho () sumo () suco () xarope () garrafada

Sistema respiratório? Respiração _____

() chá () banho () sumo () suco () xarope () garrafada

Sistema circulatório / circulação _____

() chá () banho () sumo () suco () xarope () garrafada

Vesícula _____

() chá () banho () sumo () suco () xarope () garrafada

Bexiga _____

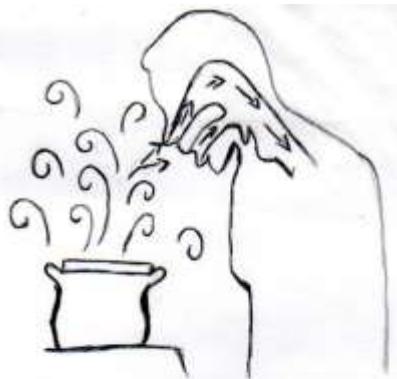
() chá () banho () sumo () suco () xarope () garrafada

APENDICE C – Desenhos elaborados pelos estudantes

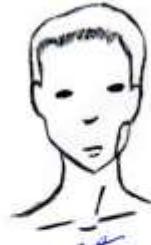


catarro pulmonar

inflamação
no ouvido



inflamações



emelite



Mauro (Mauro Syvestre)

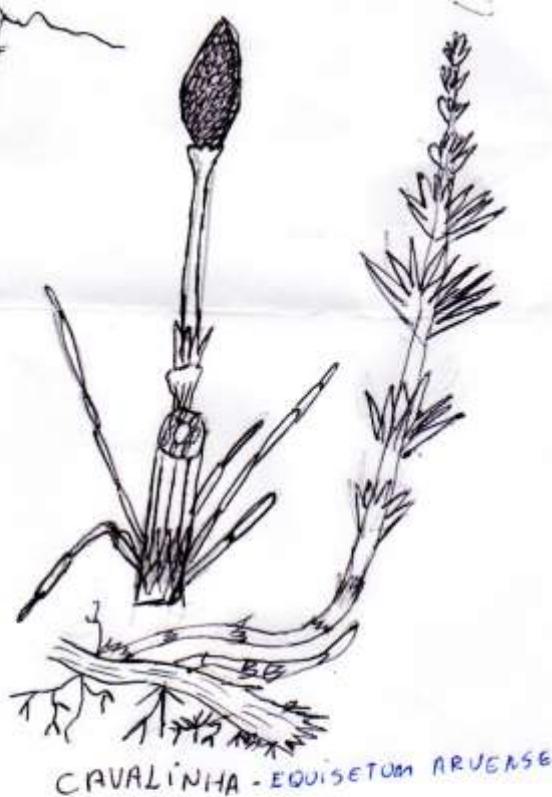
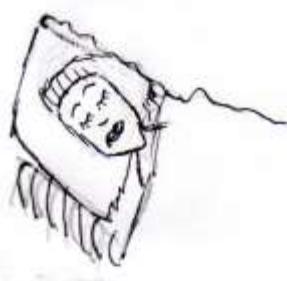
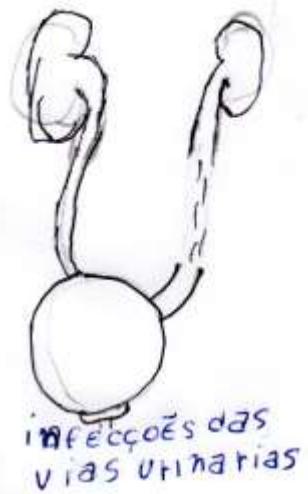
infecções na garganta



tosse

espaços intertinais

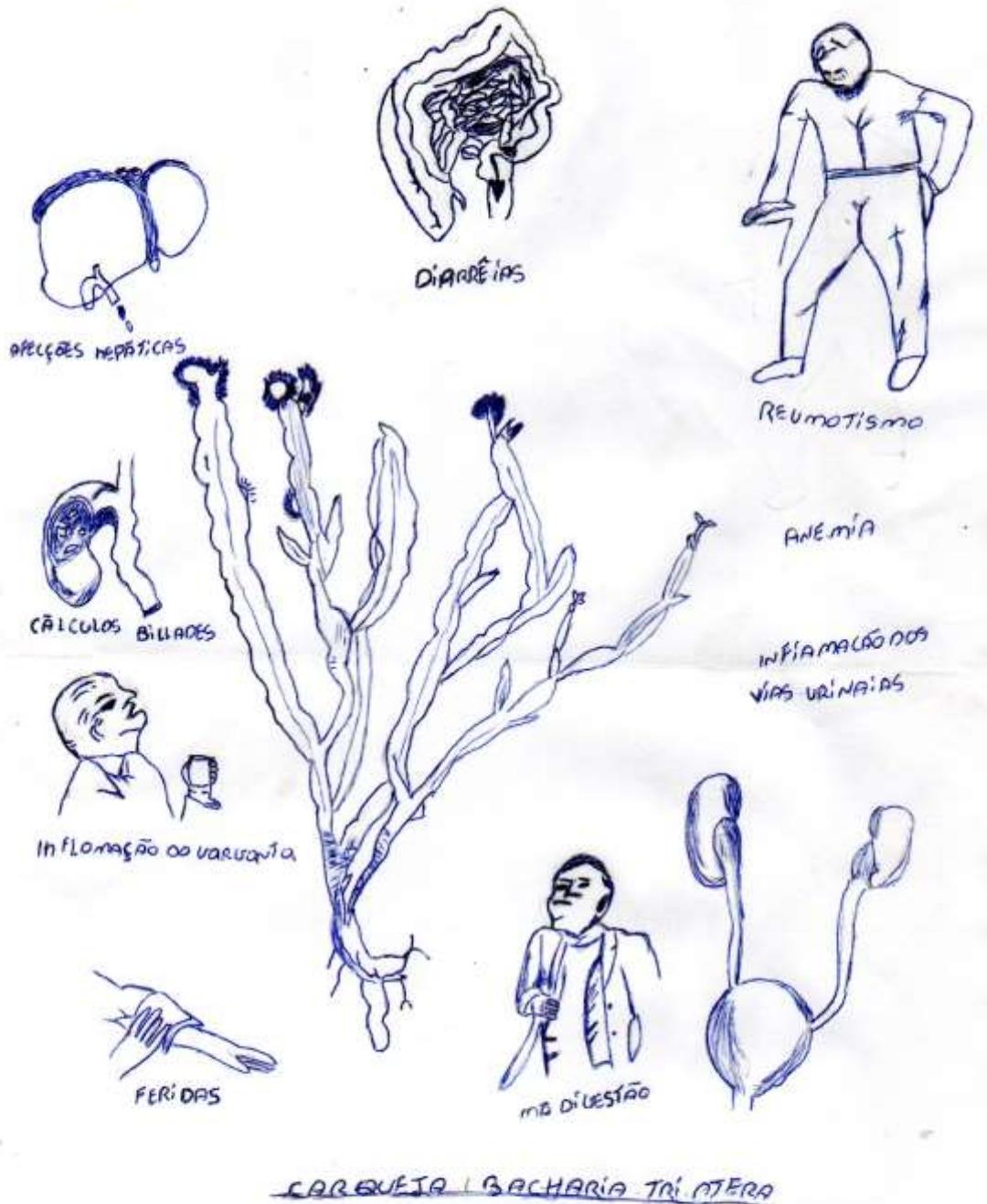
aluno(a) Moraya Guedes Filho



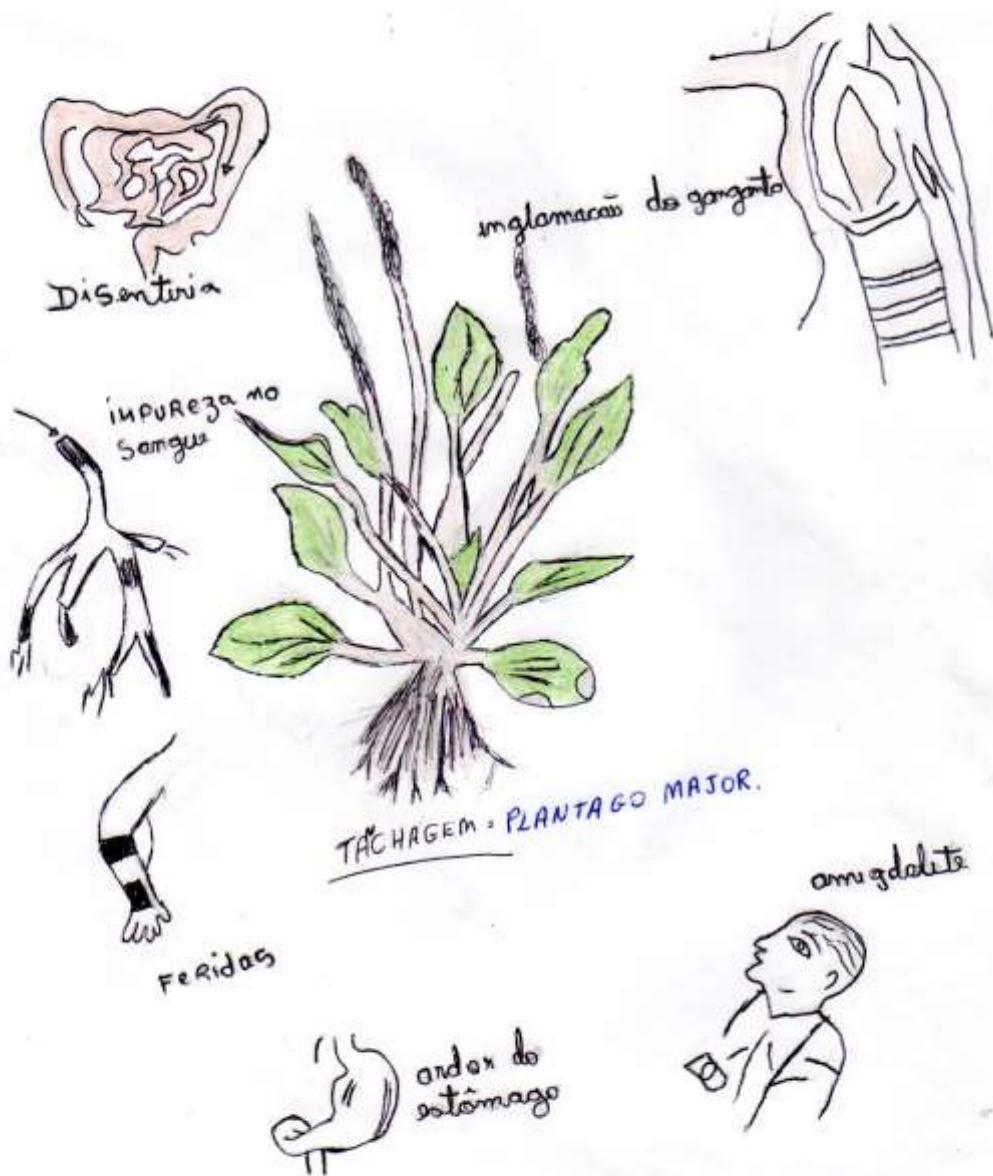
João Vitor Souto

7^{ma}

ROUÉRIO



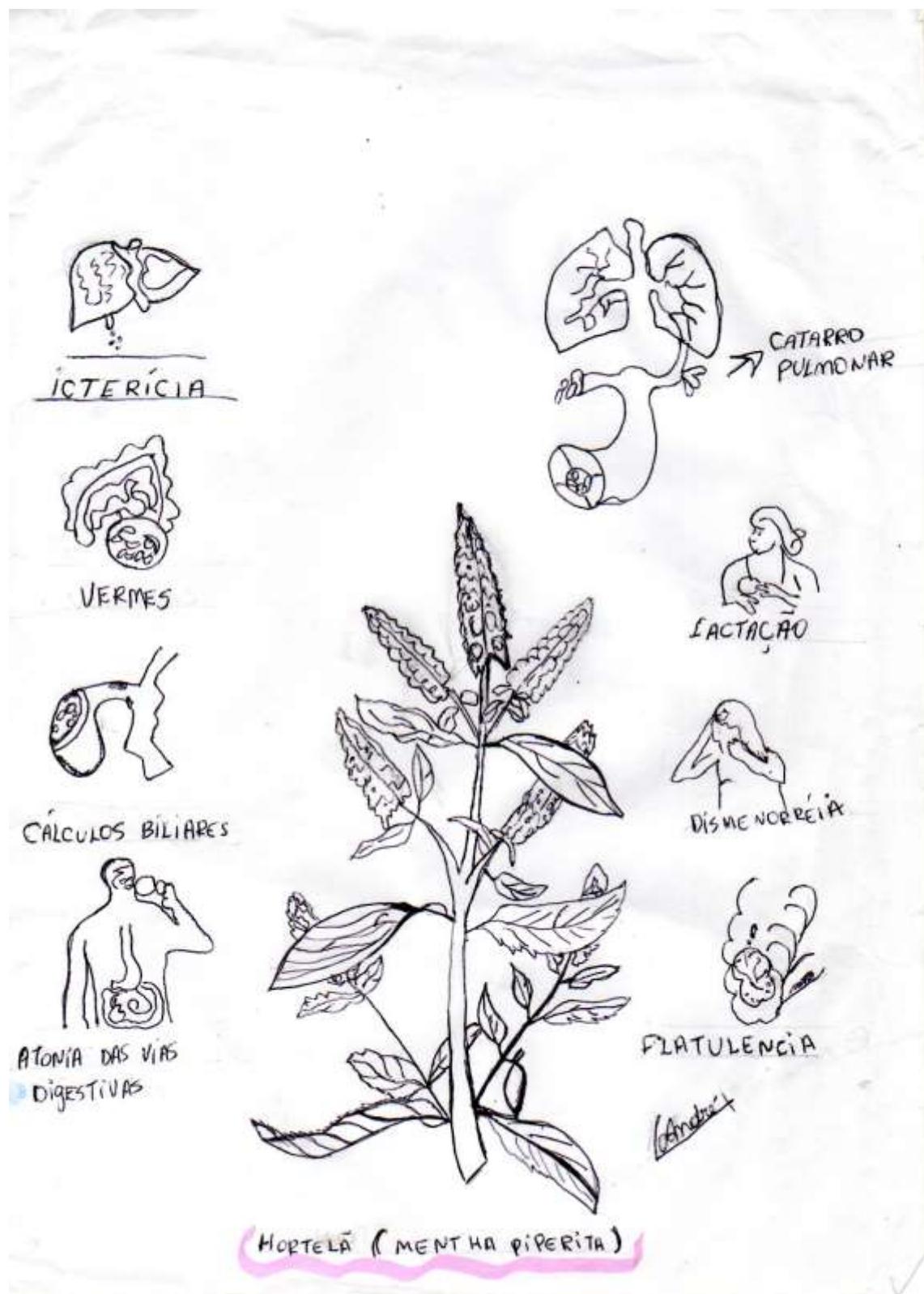
goniale

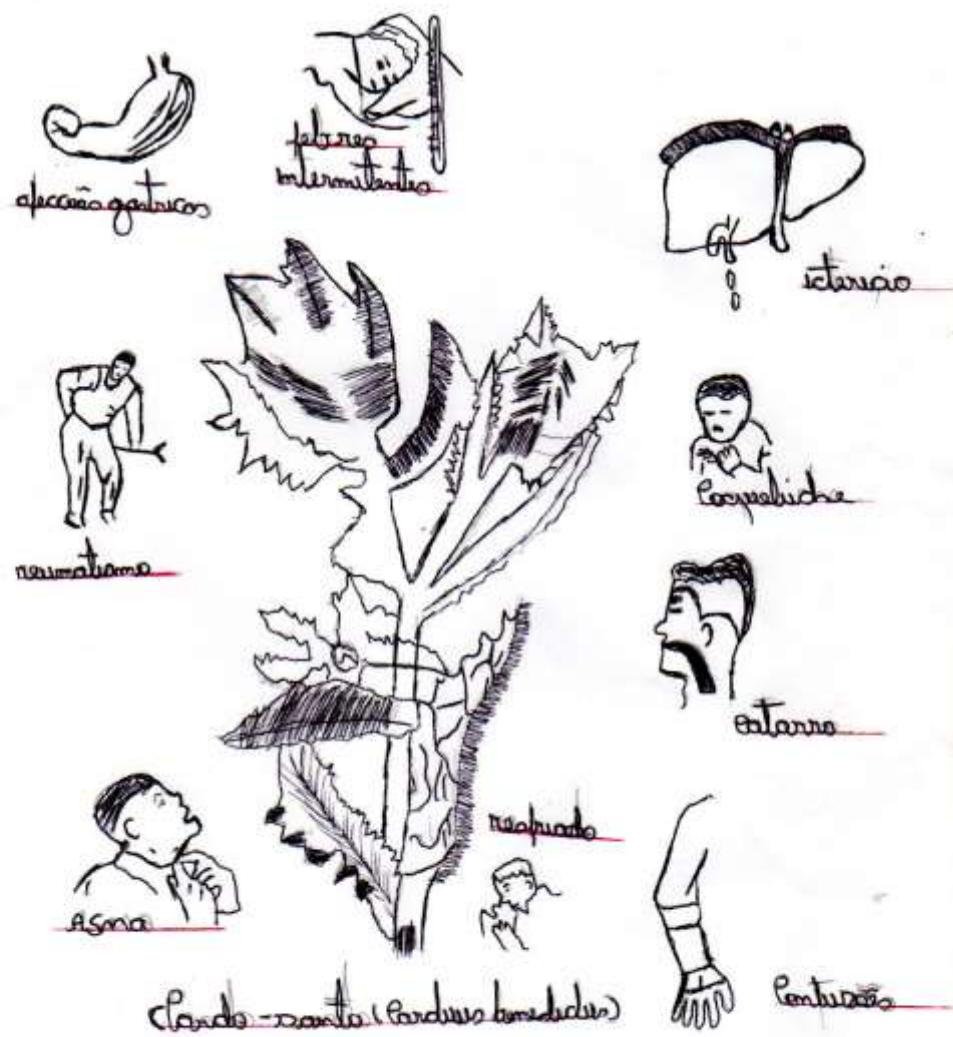


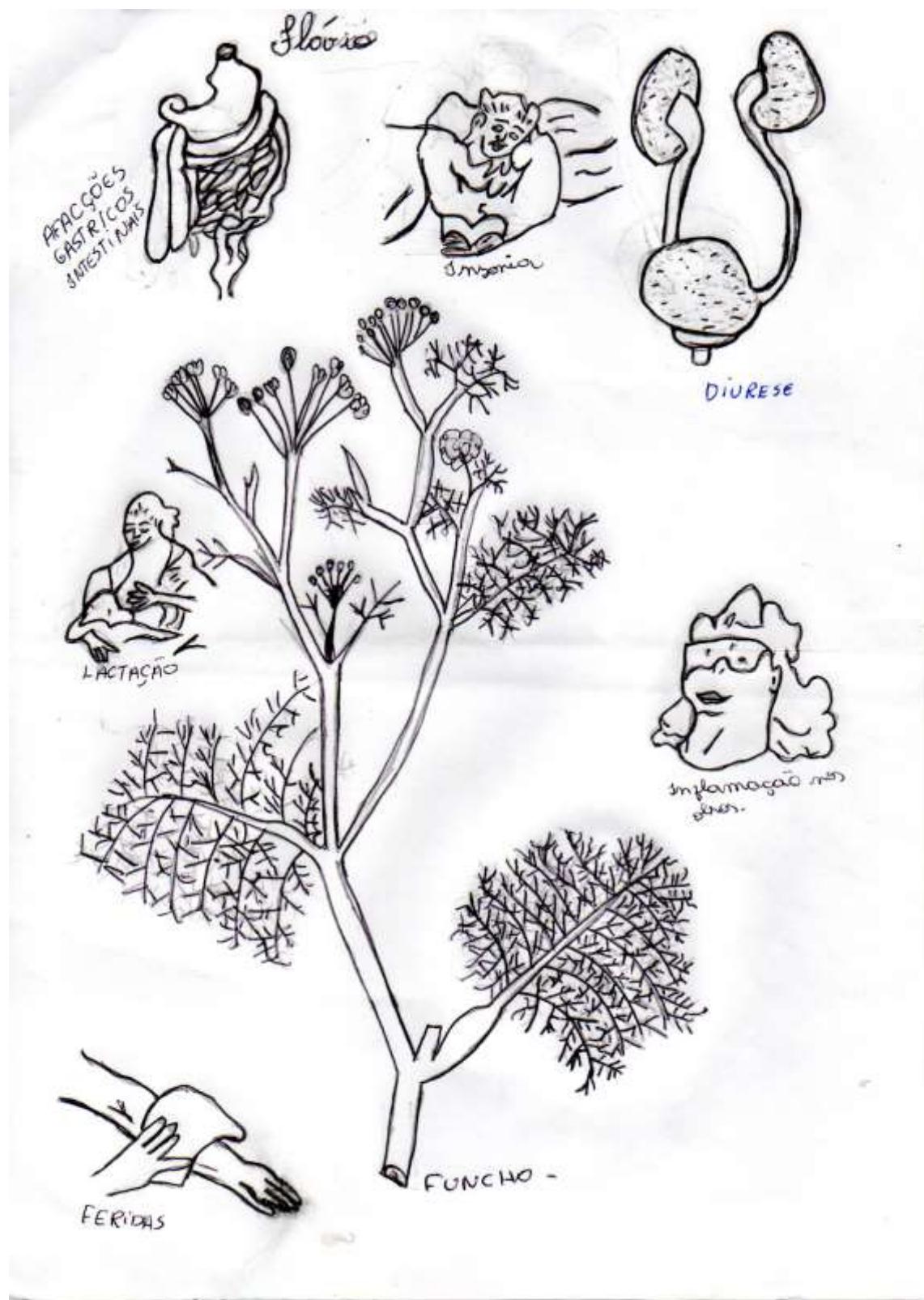
Joséclint

PROFESSORA: ADAYELLE
DATA: 18/08/2023
MATERIAL: Cíndara









As plantas curam 19/08/2022



diábatas cardíaca



nature



terra



Marmatismo



ALECRIM - *ROSMARINUS OFFICINALIS*.



juba



jundas



gástrico intestinalis

Aluna - Fernanda

nome-pronúca: Serie - 4º ano
data: 7/08/23 disciplina: Ciências
prof: Adalvile

afecções gástricas e intestinais



doença de cabeça



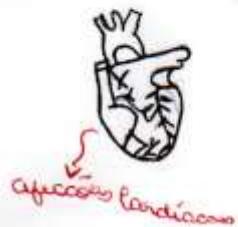
respiração



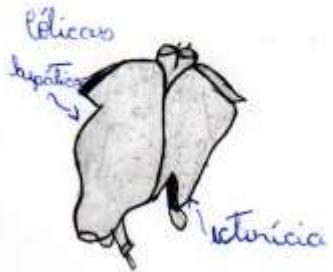
tosse



histerismo



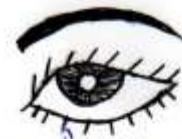
afecções cardíacas



líticas

hepáticas

ictéricas



inflamações dos olhos



dor reumáticas



erva-lidreira-Verdadeira (*Melissa officinalis*)